



XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã



DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA TRANSCOMUNICATIVA: AS IDENTIDADES MIDIÁTICAS DE MULHERES TRANS E TRAVESTIS¹

Paulo Júnior Melo da Luz – Universidade Federal do Pampa

RESUMO

No desenvolvimento da cidadania transcomunicativa, emerge a problemática da construção midiática de personagens trans e travestis e como é possível abordar temáticas cidadãs articuladas às suas existências. Para compreender essa questão, objetiva-se entender quais são as personagens trans e travestis proeminentes nos audiovisuais e de que forma a cidadania aparece em suas narrativas. Dialoga-se com seis mulheres trans e travestis para entender como percebem suas existências articuladas às personagens e à cidadania. Teoricamente, são trazidas textos de mulheres trans e travestis, cidadania comunicativa e identidades culturais para pensar como as mídias constroem seus corpos e existências para dialogar cidadania transcomunicativa.

PALAVRAS-CHAVE: Cidadania transcomunicativa; identidades trans e travesti; identidades midiáticas.

1 INTRODUÇÃO

Este texto é um recorte da tese intitulada “Cidadania Transcomunicativa: processos comunicacionais de mulheres transexuais e travestis”. Para a Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã, o objetivo da apresentação é dialogar sobre a construção das identidades midiáticas de pessoas trans e travestis através da ficção televisiva e as representações que são feitas delas. Recentemente, já se percebe uma presença maior de mulheres trans reais representando a personagens trans em telenovelas, como é o caso de Buba em *Renascer* (interpretada por Gabriela Medeiros) e Luana em *Terra e Paixão* (interpretada por Valéria Barcellos), conquistando protagonismo nas tramas de horário nobre na Rede Globo. No entanto, há pouco a presença dessas mulheres era rara e caricaturada em construções pouco aprofundadas.

Objetiva-se aqui refletir sobre a cidadania transcomunicativa articulada a essas personagens, interpretando de que forma as narrativas construídas na ficção se relacionam com as demandas e realidades de mulheres trans e travestis. A tese que originou o termo “cidadania transcomunicativa” foi construída conjuntamente com seis mulheres trans e travestis, que refletiram sobre suas presenças nas mídias e, a partir dessas reflexões conjuntas, pensamos as identidades trans e travestis como potentes articuladores de cidadania desde os meios de comunicação, uma vez que seus corpos são políticos e comunicantes, produzindo uma forma própria de fazer cidadania transcomunicativa.

¹ Trabalho apresentado no GT2 – Culturas Populares, Identidades e Cidadania da XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2024, de 11 a 13 de junho de 2024, na Universidade São Judas (Paulista), São Paulo-SP.

2 METODOLOGIA (métodos e técnicas utilizados)

A pesquisa é de caráter transmetodológico (MALDONADO, 2013; 2014; 2015), uma vez que reúne diferentes técnicas, métodos e procedimentos para configurar um aspecto próprio para a investigação e às temáticas que dialogam comunicação, antropologia, sociologia e política, por exemplo. Assim, foram realizadas uma pesquisa bibliográfica e posterior pesquisa da pesquisa, focando em textos e materiais produzidos por mulheres transexuais e travestis, bem como pessoas LGBTQIAPN+, que fundamentaram teoricamente as reflexões. Também foram realizadas entrevistas em profundidade (MEDINA, 2001; MILLS, 2009) com seis mulheres transexuais e travestis, sendo quatro delas residentes no Rio Grande do Sul (Sapiranga, Novo Hamburgo e Porto Alegre) e duas residentes na Casa Florescer, um espaço de acolhimento na cidade de São Paulo, que recebu as mulheres com quem dialoguei; elas vieram de Ilhéus (Bahia) e Uberaba (Minas Gerais).

A partir da pesquisa teórica e da pesquisa empírica, se constituiu a transmetodologia estabelecendo os diálogos necessários para construir a cidadania transcomunicativa (LUZ, 2023), partindo das interlocutoras da pesquisa que pautavam suas demandas e as representações midiáticas que consideravam reletavantes. Desses diálogos, além do caráter interpretativo da pesquisa em recepção, por meio das entrevistas, destaca-se a imersão nos espaços das interlocutoras (suas casas, espaços de trabalho e convivência) para estabelecer vínculos afetivos e de colaboração compartilhada, em que a participação flui tanto do pesquisador quanto das co-construtoras da pesquisa.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Para entender tanto o que era produzido sobre mulheres transexuais e travestis, como pelas mulheres transexuais e travestis, foi necessário imergir teoricamente no universo conceitual do gênero (BUTLER, 2002; 2017; JESUS, 2010; 2012; LOURO, 2014; LUZ, 2018; NICHOLSON, 2000; OLIVEIRA, 2017; PISCITELLI, 2009; VEIGA DA SILVA, 2014; 2015), especificamente sobre cisgeneridade e transgeneridade (BARCELLOS, 2020; BENTO, 2008; 2014; 2017; 2018; JESUS, 2019; MACHADO, 2019; MARILAC; QUEIROZ, 2019; MOIRA, 2018; MORALES MEDINA, 2019; NASCIMENTO, 2021; PELÚCIO, 2009; SILVA, 2019; VERAS, 2017), entendo a partir disso as feminilidades e as mulheridades (NASCIMENTO, 2021) como conceitos distintos, mas que estão presentes na abordagem das corporalidades e identidades trans (BENEDETTI, 2005; HALL, 2003; 2005; ROSÁRIO, 2002; 2011; ROSÁRIO; AGUIAR, 2022).

A partir das leituras e diálogos com as interlocutoras, desenvolvemos o conceito de cidadania transcomunicativa, que é pensado a partir da cidadania comunicativa (CORTINA, 2005; GARCÍA CANCLINI, 1999; GOHN, 2010; GURZA LAVALLE, 2003; HOPENHAYN, 2013; MALDONADO, 2021; MARTÍN-BARBERO, 2009; MATA, 2006; MONJE, 2009; PERUZZO,

2022) e das autoidentificações e produções de corporalidades trans e travestis, além de suas experiências e inspirações midiáticas. Nas dimensões da cidadania transcomunicativa, estão presentes elementos filosóficos/epistemológicos; políticos; populares; de resistência; de esperança; e afetivos. São esses elementos que constituem o escopo de análise dos materiais produzidos midiaticamente sobre elas para pensar como podemos observá-los a fim de desenvolver cidadania transcomunicativa, também colocando-a em prática.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os corpos cisgêneros incluídos no padrão heteronormativo hegemônico são também os corpos aos quais os corpos transexuais e travestis construídos midiaticamente buscavam se adequar, uma vez que são aqueles expostos e reproduzidos nos meios de comunicação. Considerando a presença massiva da televisão até a década de 2010, os corpos considerados belos eram aqueles padronizados, que se aproximavam do magro, loiro, caucasiano e jovem, como o das apresentadoras de programas infantis (Xuxa, Angélica e Eliana).

A matriz de produção do corpo das mulheridades e feminilidades era inspirado nessas mulheres em contexto brasileiro, já que as mídias não representavam as realidades e vivências de corpos trans reais. A vontade de viver e ser vista de forma mais cidadã, participando das atividades sociais de forma mais plena levava a uma padronização do corpo trans e travesti, que não se convertia em objeto de resistência ou a uma corporalidade não-hegêmica.

A não visibilidade de corpos trans faz com que mulheres trans e travestis desejem participar mais ativamente das produções de mídias sobre elas, desenvolvendo materiais em que possam falar sobre elas mesmas. Quando conquistam esses ambientes e espaços de socialização e compartilhamento, colocam em perspectiva a construção de uma cidadania transcomunicativa, na qual utilizam suas próprias existências e identidades para contar histórias sobre elas mesmas.

No entanto, a presença nesses espaços depende de fatores como a politização e o conhecimento de direitos, além do acesso à informação e letramento digital para produção de conteúdos que permitam a inserção de suas pautas nos meios midiáticos. As personagens Luana (Valéria Barcellos) e Buba (Gabriela Medeiros) são representações recentes, de 2023 e 2024, que começam a pautar as demandas históricas de mulheres trans e travestis.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em alguns momentos, as mulheres trans e travestis se aproximam dos corpos cisgêneros padronizados, em outros se afastam. O recurso da padronização hegemônica pode oferecer posições de poder para ampliar suas possibilidades econômicas e sociais, no entanto, a identificação e a identidade ainda são desviantes da norma hegemônica. A feminilidade performática pode ser usada

como parte da identidade, mas também como meio de diálogo aos meios de comunicação que disseminam uma realidade pouco próxima das corporalidades trans.

Reconstituindo as trajetórias comunicacionais e de relações com as mídias das mulheres transexuais e travestis, entende-se que as mídias participam da construção de suas identidades e corporalidades a partir de referentes cisgêneros, porém, isso ocorre pela falta da presença de corporalidades trans em suas referências midiáticas.

Na dimensão empírica e concreta de suas vidas, as mulheres trans e travestis constroem suas corporalidades a partir de outras mulheres trans e travestis. A produção do corpo pode almejar ou não um padrão cisgênero, mas a vida em sua dimensão afetiva e existencial se constrói na sororidade com aquelas que sabem e entendem o processo de transição de gênero e as manifestações de corporalidades, quais hormônios, cirurgias e procedimentos fazem parte do universo trans.

A cidadania transcomunicativa existe para que haja transcomunicação, uma forma de comunicar e exercer cidadania a partir de pessoas trans, na compreensão de suas identidades e corporalidades em referentes midiáticos, usando elementos de análise para entender o corpo como laboratório e os gêneros como performances que não são formatadas dentro de critérios hegemônicos e normativos. Por isso, os debates recentes sobre a presença trans na produção de narrativas sobre elas resulta em temáticas que se aproximam mais daquilo que pensamos ser cidadania transcomunicativa.

Referências

BARCELLOS, Valéria. **Transradioativa**: você me conhece porque tem medo ou tem medo porque me conhece? São Paulo: Monocó Literatura LGBTQ+, 2020.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é transexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 2008.

_____. Nome social para pessoas trans: cidadania precária e gambiarra legal. **Contemporânea**, São Carlos, v. 4, n. 1, p. 165-182, 2014. Disponível em: <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/197/10>. Acesso em: 10 jan. 2022.

_____. **Transviad@s**: gênero, sexualidade e direitos humanos. Salvador: Edufba, 2017.

_____. Necrobiopoder: quem pode habitar o Estado-nação? **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 53, p. 1-16, 2018.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós, 2002.

_____. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

- CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo**: para uma teoria da cidadania. São Paulo: Loyola, 2005.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
- GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e redes de mobilização no Brasil contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- GURZA LAVALLE, Adrian. Cidadania, igualdade e diferença. **Lua Nova**, v. 59, n. 59, p. 75-94, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- _____. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HOPENHAYN, Martin. A cidadania vulnerabilizada na América Latina. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 5-18, 2013.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. **O protesto na festa**: política e carnavalização nas paradas do orgulho de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT). 2010. 194 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2010.
- _____. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Brasília: Autor, 2012.
- _____. Xica Manicongo: a transgeneridade toma a palavra. **Revista Docência e Cibercultura**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, jan./abr. 2019.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- LUZ, Paulo Júnior Melo da Luz. **Alice no país da cocaína**: a recepção das personagens latinas narcotraficantes da série Queen of the South. 2018. 222 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2018.
- _____. **Cidadania Transcomunicativa**: processos comunicacionais de mulheres transexuais e travestis. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.
- MACHADO, Alisson. **Toda trabalhada na wi-fi**: cotidiano travestis em trajetórias digitais. 2019. 198 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, 2019.
- MALDONADO, Alberto Efendy. Pesquisa em Comunicação: trilhas históricas, contextualização, pesquisa empírica e pesquisa teórica. In: _____. **Metodologias de pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 277-303.
- _____. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins. **Perspectivas metodológicas em comunicação**: novos desafios na prática investigativa. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2013. p. 31-57.

_____. Perspectivas transmetodológicas na pesquisa de sujeitos comunicantes em processos de receptividade comunicativa. In: MALDONADO, Alberto Efendy *et al.* **Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil: processos receptivos, cidadania e dimensão digital**. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2014. p. 31-57.

_____. Transmetodología, cidadania comunicativa e transformação tecnocultural. **Intexto**, Porto Alegre, n. 34, p. 713-727, set./dez. 2015.

_____. Desafios ético-políticos no exercício da cidadania científica em Comunicação. **Intercom – RBCC**, São Paulo, v. 44, n. 3, p.161-173, set./dez. 2021.

MARILAC, Luísa; QUEIROZ, Nana. **Eu, Travesti**: memórias de Luísa Marilac. Rio de Janeiro: Record, 2019.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009.

MATA, Cristina. Comunicación y ciudadanía. Problemas teórico-políticos de su articulación. **Revista Fronteiras** - estudos midiáticos, São Leopoldo, v. 3, n. 1, jan./abr. 2006.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o diálogo possível. 4. ed. São Paulo: Ática, 2001.

MILLS, Charles Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MOIRA, Amara. **E se eu fosse pura?** São Paulo: Hoo Editora, 2018.

MONJE, Daniela *et al.* Ciudadanía comunicativa: aproximaciones conceptuales y aportes metodológicos. In: PADILLA FERNANDÉZ, Adrian. **Metodologías transformadoras Tejiendo la red em comunicación, educación, ciudadanía e integración en América Latina**. Caracas: Fondo editorial CEPAL:UNESR, 2009. p. 179-199.

MORALES MEDINA, Deicy Yvets. **O corpo travesti**: a memória dos sujeitos comunicantes, Brasil. 2019. 184 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2019.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente**: (R)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. Curitiba: Prismas, 2017.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo da aids. São Paulo: Annablume, 2009.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. A comunicação no desenvolvimento comunitário e local, com cibercultur@. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – COMPOS, 21, 2012, Juiz de Fora. **Anais eletrônicos...** Juiz de Fora: Compós,

2012. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1803.pdf. Acesso em: 21 fev. 2022.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. *In: ALMEIDA, Heloísa; SZWKI, José. **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009.*

ROSÁRIO, Nísia Martins do. Corpo em tempos de pós-modernidade: semiose ilimitada. *In: DORNELLES, Beatriz (org.). **Mídia, imprensa e as novas tecnologias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.*

_____. A via da complementariedade: reflexões sobre a análise dos sentidos e seus percursos metodológicos. *In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 43-65.*

_____; AGUIAR, Lisiane Machado. Implosão mediática: corporalidades nas configurações de sentidos da linguagem. **Significação**: Revista de Cultura Audiovisual, São Paulo, v. 41, n. 42, p. 166-185, dez. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/82572>. Acesso em: 2 fev. 2022.

SILVA, Jovanna Baby Cardoso da. **Bajubá Odara**: resumo histórico do nascimento do movimento de travestis do Brasil. Picos: Fonatrans, 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In: _____ (Org.). **Identidade e diferença**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 73-102.*

SILVA, Yuna Vitória Santana da. A cisgeneridade e o complexo do “apesar de”. **Medium**, 25 nov. 2019. Disponível em: <https://yunavitria.medium.com/a-cisgeneridade-e-o-complexo-do-apesar-de-be41a1c72e51>. Acesso em: 10 fev. 2022.

VEIGA DA SILVA, Márcia. **Masculino, o gênero do jornalismo**: modos de produção das notícias. Florianópolis: Insular, 2014.

_____. **Saberes para a profissão, sujeitos possíveis**: um olhar sobre a formação universitária dos jornalistas e as implicações dos regimes de poder-saber nas possibilidades de encontro com a alteridade. 2015. 276 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2015.

VERAS, Elias Ferreira. **Travestis**: carne, tinta e papel. 1. ed. Curitiba: Editora Prismas, 2017.